

# LINGUAGEM E HERMENÊUTICA CRIATIVA NAS PRÁTICAS PSICOTERÁPICAS<sup>✓</sup>

57

Maddi DAMIÃO JÚNIOR<sup>1</sup>

---

✓ Artigo recebido em 22/04/2019 e aprovado em 10/05/2019.

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense(UFF). Pós-Doutor em Psiquiatria e Psicologia Médica (UNICAMP). Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-RJ. Membro da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica- RJ, filiada á International Association for Analytical Psychology. E-mail: <maddidamian@gmail.com>.

**LINGUAGEM E HERMENÊUTICA CRIATIVA  
NAS PRÁTICAS PSICOTERÁPICAS**

**CREATIVE LANGUAGE AND  
HERMENEUTICS IN PSYCHOTHERAPY  
PRACTICES**

**RESUMO**

**ABSTRACT**

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa que é realizada atualmente e versa sobre a relação entre linguagem representacional, ou seja como veículo de comunicação e expressão, e linguagem como criação. Tara-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentalmente no estudo e análise de textos de tal forma a identificar e estabelecer, de maneira tematizada, as características do que C. G. Jung entende por linguagem, símbolo e método filológico assim como sua influência na prática clínica. Ao propor com o diálogo entre fenomenologia hermenêutica e a teoria junguiana acreditamos ser possível romper com a tradição metafísica que dispõe da linguagem como mediação entre subjetividades e expressão de conteúdos internos e torna-se possível situar a obra de C. G. Jung dentro da tradição hermenêutica.

This work is based on a research that is carried out and deals with the relationship between representational language, that is as a vehicle of communication and expression, and as language as creation. It is a qualitative research, fundamentally in the study and analysis of texts in such a way as to identify and establish, in a themed way, the characteristics of what C. Jung understands by language, symbol and philological method as well as its influence in clinical practice. In proposing the dialogue between hermeneutic phenomenology and Jungian theory we believe that it is possible to break with the metaphysical tradition that has language as mediation between subjectivities and the expression of internal contents, and it becomes possible to situate the work of C.G. Jung within the hermeneutical tradition.

Palavras-chave: Linguagem. Clínica. Psicologia junguiana. Hermenêutica. Criatividade

Keywords: Language. Clinic. Jungian psychology. Hermeneutics. Creativity.

**1 INTRODUÇÃO**

O que se é, mediante uma intuição interior e o que o homem parece ser sub specie aeternitatis só pode ser expresso através de um mito. Este último é mais individual e exprime a vida mais exatamente do que o faz a ciência, que trabalha com noções médias, genéricas demais para poder dar uma idéia justa da riqueza múltipla e subjetiva de uma vida individual (Jaffe, 1986, p. 6).

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa que é realizada desde algum tempo e versa sobre a relação entre linguagem representacional, ou seja como veículo de comunicação, e linguagem como criação. Tara-se de uma pesquisa qualitativa, fundamentalmente no estudo e análise de textos de tal forma a identificar e estabelecer, de maneira tematizada, as características do que C. G. Jung entende por linguagem, símbolo e método filológico assim como sua influência na prática

clínica.

A partir do mapeamento das especificidades da linguagem no pensamento junguiano se faz um estudo comparativo da linguagem na forma semiótica e representacional, e desenvolve-se uma leitura crítica da teoria e prática da clínica junguiana. Visa-se a identificar como esta perspectiva crítica pode proporcionar a produção de uma metapsicologia baseada na criação, ou seja, no processo criativo onde o fenômeno psíquico se dá como um acontecimento singular, impossibilitado de ser remetido a outro fenômeno numa relação de causa e efeito. Assim na narrativa como valor de referência, ou seja, entendendo como a biografia de cada indivíduo torna-se um mito, ou seja, uma narrativa produtora de sentido. Assim, cabe à uma ciência da compreensão explicitar esta narrativa como um ativo de criação, a hermenêutica torna-se criação.

Parte-se do princípio de que a linguagem adquire uma dimensão fundamental, radical, ou seja, de constituição e criação de homem e mundo, sendo assim tecitura de sentido e valor, a questão da linguagem deriva do problema da expressão e da comunicação para a problematização da experiência de verdade, tal como descreve Heidegger. Isso nos permitirá problematizar as práticas clínicas e psicoterápicas como processos de criação em vez de entendê-la como expressão de conteúdos internos a um sujeito psicológico ou práticas adaptativas a uma dada condição prévia. Isto possibilita pensar a clínica a partir de uma perspectiva estética, como experiência de mundo como unidade de sentido, defaz-se, assim, a dicotomia sujeito-objeto, interno-externo e a clínica torna-se um espaço de criação de si e vigência do singular. Para tal segue-se o caminho no diálogo entre a hermenêutica fenomenológica e a psicologia junguiana, mais propriamente pelo modo de questionamento da linguagem tal como proposto pelo filósofo Martin Heidegger e por Paul Ricoeur.

Espera-se, assim, contribuir, primeiramente, para uma epistemologia da psicologia analítica e sua fundamentação de maneira mais apropriada, assim como para pensar as práticas psicoterápicas a partir do paradigma estético-criativo, ao invés do modo técnico reprodutivo. Também, corresponde aos fundamentos da psicologia junguiana, tal como desenvolvida por ele em seus escritos posteriores sobre filosofia, tradição e arte. Por fim iremos pensar uma metapsicologia da clínica

baseada na experiência de criação, que ultrapasse a concepção de uma psicologia fundada na subjetividade.

## 2 MÉTODO SEMIÓTICO E MÉTODO FILOLÓGICO/HERMENÊUTICO

Em diversos momentos de sua obra, (por ex.: Energia Psíquica, par. 88 e seguintes) Jung afirma que a linguagem mais apropriada para descrever os processos inconscientes é a linguagem do “como se”. Devemos entender que há uma diferença proposta por Jung entre duas formas de linguagem, a linguagem conceitual, ou proposicional, que fundada num modo de constituição da subjetividade representacional entende a linguagem como mediação, ou melhor, como signos que representam uma realidade que está separada do sujeito; e outra, a linguagem metafórica, imagética ou conotativa, que seria a mais rigorosa, que permite que nos aproximemos da experiência imediata do inconsciente de forma adequada, por ser a própria linguagem do inconsciente.

Dessa forma, haveria duas ordens da linguagem, a da consciência e a linguagem do inconsciente, diferença presente em sua distinção entre signo e símbolo. Acompanhando os passos de Jung, iremos nos deparar com a necessidade de desconstruirmos a linguagem entendida como comunicação ou expressão, como mediação de estados internos, que em sua função instrumental teria como tarefa a mediação do sujeito com os objetos de um mundo que só torna-se possível de apreensão mediante a linguagem. O que se infere ao longo do pensamento junguiano seria a compreensão da linguagem como a materialização, a “epifania” do próprio inconsciente. Torna-se necessário, para tal, diferenciar entre a forma semiótica da linguagem e outra, que seria entendida como “epifânica” ou de criação de mundo, mundo este pelo qual somos constituídos.

Esta investigação será relevante tanto para a prática clínica, quanto para a elaboração da teoria junguiana, pois implica numa forma de entendimento da prática clínica como instalação de mundo, criação poética e abertura de um espaço onde o “inconsciente” possa se manifestar, mediado pelas imagens, de forma criativa; assim como para pensarmos a questão da subjetividade e do próprio

modelo psíquico.

A compreensão da clínica como obra poética, ou seja, instalação de mundo e unidade de sentido, pode ser descrita pela própria etimologia de poiesis, sentido mais arcaico que remete à experiência de trazer do não ser ao ser por meio de uma *thechnè*, a força que os primeiros pensadores nomeavam por *physis* ou natureza, pensar a clínica como espaço de criação, criação de si e de mundo é instaurar o vigor de sua prática no âmbito da criação e da experiência de *aletheia*, desocultamento.

Esta pesquisa justifica-se, também, mediante a necessidade de problematizar a linguagem como criação, desconstruindo o modelo representacional e semiótico, que se baseia em uma perspectiva que situa a linguagem como mediação e comunicação. Posteriormente, reposicionar as práticas clínicas e os recursos técnico-clínicos a partir de um prisma não representacional, considerando as imagens e produtos psíquicos não mais como expressões de um inconsciente subjetivado, mas sim como criação de um horizonte no qual homem e mundo se constituem mutuamente. Isso nos possibilitará situar o inconsciente e a vida psíquica não mais como algo interiorizado ou encapsulado em um sujeito psicológico, e assim nos encaminhará para a construção de uma metapsicologia baseada na história das imagens, dos símbolos e da imaginação, ou seja, uma metapsicologia que tenha na força da criação a sua fundação.

### 3 HERMENÊUTICA E FENOMENOLOGIA

Paul Ricoeur, em seu livro "O conflito das interpretações", aborda os problemas da hermenêutica do texto e do símbolo, assim como faz uma síntese do que podemos considerar como o ponto comum entre as definições do que seja símbolo, toda estrutura de significação onde um sentido, primário, literal, designa por excesso um outro sentido indireto, secundário, figurado, que não pode ser apreendido através do primeiro" (RICOEUR, 1969, p. 16).

O símbolo como uma "estrutura de significação", uma tecitura promotora de sentido, permite que afirmemos que a narrativa e o texto poético ou literário seja entendido como uma experiência de realização de sentido. Este se torna símbolo

quando neste tecer o texto cria novas experiências de mundo, nos remete a fantasiar e assim a este outro universo da obra que através do encontro com o leitor promove uma possibilidade de resignificar ou desmontar os sentidos correntes nos quais participa. A narrativa faz com que sejamos levados a uma dimensão da experiência anterior à linguagem conceitual ou da linguagem entendida como comunicação e explicitação de eventos internos a um sujeito.

A história que nos é contada e o espaço que ela nos abre são criadores de uma realidade outra, indeterminada enquanto possibilidades, que se desvela através de uma práxis lúdica, pois dependeria da capacidade de imaginar mundos possíveis que se atualizam a partir do texto. O estilo, isto é, a forma, não se acha dissociado do conteúdo, da imaginação criadora, mas é determinado conjuntamente como a própria malha em que é tecido. Assim, o tecido e trama formam uma unidade própria, não há neste âmbito uma dissociação entre sintaxe e semântica. A práxis da leitura é um diálogo com o texto em sua alteridade, que se dá como "um meio de conhecimento pois nos desvela,..., os modos do real." ( ELIADE, 1973 p. 9)

Pelo encontro com o texto somos então levados de nosso mundo familiar e conduzido a muitos outros, onde a imaginação é provocada e chamada a produzir um sentido que é a compreensão. Essa provocação é o próprio estranhamento, o confronto que nos provoca esse mundo estranho que se irrompe diante de nós e nos convida para um diálogo que não é dado de imediato, mas é criado entre dois horizontes, o do leitor e do texto como símbolo que é "autônomo desde o momento mesmo que ele se constitui como tal". Esse diálogo entre dois horizontes imaginários ou produtores de fantasia, é a experiência marcada por uma polivalência que reinventa o mundo do leitor.

Podemos desdobrar esta dimensão do texto como símbolo na alquimia, que foi estudada pelo psiquiatra suíço Carl Gustav Jung na sua necessidade de um referencial para poder dialogar com o grande outro, nomeado por ele de Inconsciente, mas que reconhecia ter uma forma de linguagem solidária (próxima) à da arte e à dos loucos. Essa linguagem ele irá encontrar em textos medievais e renascentistas, que muitas vezes são compostos puramente por imagens, metáforas e signos que somente desvelam seu sentido através de um contato direto com as

formas e experiências às quais remetem.

A alquimia para Jung se constitui como um processo de projeção sobre a matéria dos conteúdos inconscientes dos alquimistas que viam nesta o grande mistério a ser compreendido e através do *opus redimida*. O inconsciente não seria assim subjetivado, mas a própria natureza diante dos olhos do filósofo alquimista.

Os tratados alquímicos são marcados por inúmeras dificuldades de compreensão, sejam causadas pelos paradoxos ou neologismos, ou pelo segredo a que muitos autores aludem como sendo necessário como proteção contra os curiosos ou enquanto impossibilidade de se falar das experiências a que remetem de maneira corrente ou vulgar, segredo este que nos remete para o estranhamento e o silêncio, pois

[...] a alquimia se constitui como uma corrente subterrânea acompanhando o cristianismo [experiência de significação de mundo vigente à época de um aparecimento] e [...] em relação a este ela se comporta como um sonho em relação à consciência (JUNG, 1970, p.32).

Experiências que podemos falar no encontro com Manoel de Barros que necessita de uma "agramática" como caminho que revela e nos conduz a este silenciar.

Descobri aos 13 anos que o que me dava prazer nas leituras não era a beleza das frases, mas a doença delas.  
Comuniquei ao Padre Ezequiel, um meu Preceptor, esse gosto esquisito. Eu pensava que fosse um sujeito escaleno.  
- Gostar de fazer defeitos na frase é muito saudável, o Padre me disse. Ele fez um limpamento em meus receios.  
O Padre falou ainda: Manoel, isso não é doença, pode muito que você carregue para o resto da vida um certo gosto por nadas...  
E se riu.  
Você não é de bugres? - ele continuou. Que sim, eu respondi.  
Veja que bugre só pega por desvios, não anda em entradas -  
Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os arituncos maduros. Há que apenas saber errar bem o seu idioma.  
Esse Padre Ezequiel foi o meu primeiro professor de agramática (BARROS, 1994, p. 89).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS: HERMENÊUTICA CRIATIVA

Assim como os sonhos, delírios e nas artes, ou seja em toda narrativa



simbólica, produto da faculdade imaginativa do inconsciente, esses textos alquímicos/herméticos são portadores de sentido a serem realizados, de ultrapassamento e reorientação, trazem a possibilidade de se romper com um sentido manifesto, isto é, cristalizado, e reorientar pela provocação que produzem ao potencializarem "pelo estímulo sobre o inconsciente" a "imaginação verdadeira". Assim sendo, formadores da matéria pela ilusão. Ilusão esta "que poderia bem ser VERO IMAGINATIO (imaginação verdadeira) que detém o poder de informar" (Jung, C. G. op. cit. p.327). A imaginação que penetrando na matéria dará a esta novas formas. A hermenêutica torna-se um processo de criação de sentido, de realidades e possíveis.

Eis um texto citado por Jung, extraído do Rosarium Philosophorum escrito por um alquimista chamado Senior, que serve como exemplo desta experiência.

[...] Da tintura branca: Quando meus pais bem-amados, desfrutando a vida, foram aleitados com leite puro, e inebriando-se com o meu branco se uniram em meu leito, geraram o filho da lua, que prevaleceu sobre toda a sua parentela. E quando o meu bem-amado bebeu do rubro túmulo de pedra e provou da fonte de sua mãe, e depois com ela (com a mãe) se uniu em cópula amorosa, e bebeu de meu vinho tinto e comigo (é a mãe que fala) se embriagou, e quando em sua cama comigo se deitou como amigo, durante o amor seu sêmen penetrou em minha célula, então conceberei, engravidarei e chegado o meu tempo parirei um filho potentíssimo, que dominará todos os reis e príncipes da terra e sobre eles reinará e será coroado com a coroa áurea da vitória sobre todas as coisas por Deus altíssimo que vive e reina por todos os séculos dos séculos (JUNG, 1987 p. 148).

Jung reconhece ser o texto difícil de entendimento, tanto pelo estilo quanto pelo significado, dizendo não se saber "se o alquimista está tão obnubilado que já não percebe suas próprias contradições, ou se lida com o paradoxo deliberadamente" (Jung, C. G. 1987 p.151) Presumindo que sejam ambas as alternativas verdadeiras. Estando obnubilado ou inconsciente de si próprio e de sua situação, ou participando com um excesso de consciência de uma experiência significativa que só encontra sua maneira de expressão rompendo com as convenções do discurso instituído.

Um estilo de escrita que é única e necessária como possibilitadora de descrever o "caráter indeterminado" ou a "multiplicidade de sentidos" (JUNG, 1987,



p. 152) de uma experiência estranha às fronteiras habituais. Linguagem esta que os alquimistas reconhecem como difícil de ser compreendida e que sabem que irá provocar tanto "suor" quanto o "dorso curvado" (JUNG, 1987, p. 152) daqueles que nela queriam entrar.

O texto como símbolo é desta maneira cheio, carregado de sentido e de possibilidades e, ao mesmo tempo vazio, pois conduz ao silêncio como fundador da palavra criativa. Remetendo tanto para o passado quanto para a criação do presente, a partir da sua vigência própria e sua autonomia.

A alquimia é considerada uma arte fundada por Hermes Trimegistos, personagem mítico que tem seu nome a partir do deus Hermes, divindade em que não há "nada fixo, estável, permanente, circunscrito, nem fechado. Ele se apresenta no espaço e no mundo, a passagem, a mudança de estado, as transições, os contatos entre os elementos estranhos" (JUNG, 1970). Sendo assim, o patrono justo para uma ciência que se realiza enquanto símbolo no qual o homem se acha integrado, e como linguagem de realização que clama por uma hermenêutica que se constitui como indissociável da experiência simbólica, não somente como uma técnica ou episteme, mas como realização. Hermenêutica que é um ouvir que ocorre quando "nós fazemos parte daquilo que nos é dito" .

Nesses textos alquímicos podemos observar a constante estranheza a que nos remete (seus autores) por serem contraditórios e paradoxais na forma de narrarem suas experiências. Contradições e paradoxos que não são excludentes ou invalidantes de seu valor ou que necessita de uma resolução de integração, mas que só se tornam possíveis de compreensão quando são aceitos em sua estranheza. Eles são como labirintos que pressupõem a disponibilidade da experiência em vez de uma atividade intelectual ou formal de compreensão, levando muitos alquimistas a afirmarem paradoxalmente que escrevem para aqueles que já conhecem a obra ou "a não ser para aqueles a quem Deus se dignar dar-lhes a inteligência de seus escritos".

## REFERÊNCIAS

ELIADE, M. **Fragments d'un Journal I.** Paris: Gallimard, 1973.

HEIDEGGER, M. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 1992.

JAFFE, Aniella. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JUNG, C. G. **Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. Petrópolis: Vozes, 1987

\_\_\_\_\_. **Psychologie et Alchimie**. Paris: Buchet/Chastel, 1970.

BARROS, Manoel de. **O livro das Ignorâncias**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1994.

PARADEJORDI, J. (Org). **Cuatro Tratados de Alquimia**. Barcelona: Edicomunicación, 1986.

RICOEUR, P. **Le Conflit des Interpretations**. Paris: Senil, 1969.

VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. São Paulo: EdUSP/Difusão Européia do Livro, 1973.